

A EXPANSÃO DOS TUPI E DA CERÂMICA DA TRADIÇÃO POLICRÔMICA AMAZÔNICA

José Proenza Brochado*

BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, S. Paulo, 27:65-82, 1989.

RESUMO: Este artigo apresenta a reconstrução das chamadas migrações tupi-guarani com base em evidências etnográficas, linguísticas e arqueológicas, sendo que estas últimas são representadas pela tradição policrômica Amazônica. A proposição conta também com o auxílio da antropologia, através da mitologia e da ecologia da área estudada.

UNITERMOS: Arqueologia e etnohistória brasileiras. Tupi-guarani.

A reconstrução das chamadas *migrações dos Tupi-Guarani* — na realidade a invasão e ocupação de grandes áreas da América do Sul tropical pelos ancestrais dos falantes Tupi — está baseada nas evidências etnográficas, linguísticas e arqueológicas de quatro tipos diferentes:

1. a distribuição geográfica histórica dos falantes Tupi, incluindo
2. a recente reclassificação e estudos de relacionamento das línguas do Tronco Tupi;

(*) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq).

3. a distribuição geográfica das cerâmicas arqueológicas da Tradição Policrômica Amazônica, incluindo,
4. a distribuição geográfica e temporal das datações radiocarbônicas das cerâmicas arqueológicas desta tradição.

Esta reconstrução é explicada por conceitos e evidências da antropologia, incluindo a mitologia, e dados a respeito do relevo, climas, vegetação e ecologia da área.

1. Quando os europeus começaram a explorar e ocupar o leste da América do Sul observaram que línguas estreitamente relacionadas eram faladas sobre enormes áreas. As línguas hoje classificadas no que se denomina o Tronco Tupi (Rodrigues, 1964; 1984/5) eram faladas quase que ininterruptamente ao longo de todo o litoral Atlântico, desde a desembocadura do Amazonas e do rio Pará, até o estuário do rio da Prata, cobrindo uma distância de mais de seis mil quilômetros. Aglomerações menores se encontravam também mais para o interior, no baixo Tocantins, no médio São Francisco, no alto Araguaia, no Paranaíba e no Tietê. Os falantes Tupi ocupavam trechos ao longo do curso do Amazonas, interrompidos por outros trechos ocupados por falantes de línguas relacionadas às famílias Aruák, Karíb, Tukano e outras menores. As comunidades de falantes Tupi se estendiam, desta forma interrompida, desde a desembocadura do Amazonas, até seus formadores: o Marañon, o baixo Huallaga, o médio Ucaylalli e o alto Napo; isto é, desde o Atlântico até o sopé dos Andes, cobrindo uma distância leste-oeste de quase três mil e quinhentos quilômetros em linha reta. Ao norte do Amazonas havia Tupi também no Amapá, se estendendo até o oceano pelo vale do Maroní. Ao sul do Amazonas línguas relacionadas eram faladas no baixo Tocantins e ao longo do curso do Xingu, Tapajós e Madeira, até suas cabeceiras. Falantes Tupi ocupavam também enormes áreas na drenagem do sistema fluvial composto pelo Paraná, Paraguai e Uruguai; habitando os vales dos rios maiores desde o Parapanema, ao norte, até o Jacuí, ao sul, e desde o baixo Paraguai e o alto Paraná, a oeste, até o baixo Paraná e Uruguai, a leste. Grupos menores se encontravam também entre o alto Pilcomayo e o alto Guaporé, no alto Paraná, ao norte do Parapanema e entre os rios Piratini e Negro, nas bacias costeiras ao sul do Jacui.

Se observa claramente que os Tupi amazônicos, os Tupi costeiros

ou Tupinambá, os Guarani da área drenada pelo Paraná-Paraguai-Uruguai e os Chiriguano do Chaco, juntos ocupavam um circuito de terras baixas, rodeando os planaltos brasileiros habitados por falantes de línguas do Tronco Macro-Jê.

Uma tão grande dispersão sugeriu imediatamente que deveria representar o resultado de extensas migrações de falantes de línguas do mesmo tronco. Ainda mais que alguns destes grupos ainda estavam em movimento no século XVI — os Tupinambá, no leste e nordeste — e outros continuam ainda repetindo as migrações pré-históricas — os Guarani Mbiá, no sul. Hipóteses tentando explicar o padrão de distribuição geográfica destas culturas, propuseram que o centro de origem e dispersão dos Tupi estaria: a) em algum lugar na drenagem do Paraná-Paraguai (Martius, 1867: I, 177-179; Ehrenreich, 1891: 44, 46-49; 1892) ou b) nos tributários meridionais do médio Amazonas (Von den Steinen, 1886: 308-324; Métraux, 1928: 310-312; Loukotka, 1935: 397 mapa; 1950).

A segunda hipótese foi favorecida pelo reconhecimento de que das dez famílias linguísticas nas quais foi dividido o Tronco Tupi (Rodrigues, 1964; 1984/5), nove se encontram reunidas numa área relativamente reduzida, ao sul do Amazonas e ao norte do paralelo 14 S, entre o Madeira e o Xingu, enquanto todos os outros falantes Tupi, espalhados pelo Brasil, nordeste da Argentina, sul do Paraguai, Uruguai, leste da Bolívia, leste do Peru, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa, usam línguas muito mais semelhantes entre si, as quais foram classificadas numa mesma família, denominada Tupi-Guarani (Rodrigues, 1945: 333; 1958: 231-234; 1964: 103-104; 1984/5). D. W. Lathrap (com. pes.) pensa que na realidade o centro de dispersão tenha sido a Amazônia Central, e que os representantes das seis famílias linguísticas acantonados no alto Madeira, entre o Guaporé e o Jí-Paraná, representam relictos de sucessivas vagas de migrações, iniciando no médio Amazonas, que foram detidos pela escarpa do chapadão do planalto central brasileiro.

Acreditava-se também que as migrações teriam se iniciado apenas um ou dois séculos antes da chegada dos europeus, motivo pelo qual as línguas dos migrantes seriam mutuamente inteligíveis e classificáveis dentro de uma mesma família — o que indicaria que teriam se separado há relativamente pouco tempo.

2. A reconstrução da árvore filogenética das línguas do Tronco Tupi pelo estudo das mudanças fonéticas e fonológicas (Lemle, 1971;

Rodrigues, 1984/5), medindo o seu grau relativo de relacionamento e situando os modos de suas sucessivas separações; indica que linguagens que antes eram tidas como estreitamente relacionadas, como o Tupinambá e o Guarani, teriam, na realidade, se derivado de proto-linguagens diferentes e portanto sua separação seria mais antiga do que se pensava. Estas evidências podem ser interpretadas como indicando que os Tupinambá e os Guarani não vieram na mesma onda migratória, mas por caminhos muito diferentes. Por outro lado, o Tupinambá se relaciona mais estreitamente com o Kokama, o Kokamiya e o Omágua, do alto Amazonas, do que com o Guarani, falado no trecho meridional do litoral atlântico e no sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguai adjacente, o qual se relaciona mais com o Guarayú e o Siriono, falados no Guaporé e Madeira. Os Tupi do alto Amazonas teriam portanto resultado de migrações rio acima de um povo que falasse uma língua muito próxima do Tupinambá. Os Tupinambá próprios teriam descido ao longo da costa atlântica, a partir da desembocadura do Amazonas, enquanto os Guarani teriam ocupado o sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguai descendo do médio Amazonas ao longo do Madeira e do Guaporé.

Maior profundidade temporal também foi dada à separação das línguas da família Tupi-Guarani. O método léxico-estatístico glotocronológico sugeriu que a diferenciação do Tronco Tupi teria ocorrido mais de cinco mil anos atrás, isto é, antes de ca. 3000 a.C.; enquanto que a separação da própria família Tupi-Guarani teria começado há 2.500 anos atrás, isto é, ca. 500 a.C., e não recentemente como se pensava (Rodrigues, 1958: 231-234; 1964: 103-104).

3. Desde o início da arqueologia no Brasil chamou a atenção a imensa dispersão de achados de cerâmicas policrômicas, coincidindo em geral com áreas ocupadas pelos Tupi. O relacionamento e possível origem comum de todas estas cerâmicas, assim como a sua proveniência amazônica, já tinham sido sugeridos no final do século passado por Ladislau Netto (1885), mas o conjunto foi pela primeira vez precisamente definido como unidade taxonômica (*Polychrome Division of Amazonia*) por Howard (1947: 42, 82), e estabelecido como a Tradição Policrômica Amazônica por J. P. Brochado e D. W. Lathrap (1980; Brochado, 1984: 303).

Foram identificados mais de mil sítios desta Tradição, assim distribuídos:

Ao longo do curso do Amazonas e seus formadores (Brochado & Lathrap, 1980)	+ 170
Na drenagem do Paraná-Paraguai-Uruguai e litoral atlântico adjacente. (Brochado, 1984: 249-260, 409-420: La Salvia, Brochado & Naue, 1988)	+ 900
No litoral atlântico do nordeste e leste do Brasil e bacias dos rios costeiros (Brochado, 1984: 283-289, 421-426)	+ 170
	+ 1.240

As diferenças quantitativas observadas acima não têm importância cultural, pois as pesquisas têm sido muito mais intensas no sul e no leste do Brasil do que na Amazônia.

Na tentativa de explicar a pré-história da América do Sul Tropical, B. J. Meggers e C. Evans (1977, 1978, 1983) desenvolveram um modelo no qual a ocupação da Amazônia seria muito tardia e todos os desenvolvimentos ali observados teriam sido introduzidos de fora desta área; principalmente a partir da região andina; por vagas sucessivas de imigrantes, cujo nível cultural decaía, devido às influências restritivas do ambiente. As culturas mais complexas, em pouco tempo de estadia, declinavam e se estabilizavam num nível mais baixo, denominado de *floresta tropical*, que seria comparável àquele no qual se encontram os indígenas amazônicos atuais, após quatro séculos de opressão.

O modelo de D. W. Lathrap (1970, 1972, 1977) e J. P. Brochado e Lathrap (1980, Brochado, 1984) é exatamente o inverso, pois pressupõe um desenvolvimento interno na própria Amazônia Central, enfatizando a sucessiva criação, separação, evolução e ramificação de estilos e tradições cerâmicas, os quais sobreviveram por muito tempo, algumas vezes voltando a se fundir novamente. Isto quer dizer que a Amazônia Central constituía um poderoso centro de originação e a maior parte das inovações encontradas não só dentro da Amazônia como fora dela, resultaram de desenvolvimentos no seu interior. Em contraste, no alto Amazonas, nas cabeceiras dos maiores tributários do Amazonas; assim como na imensa área periférica constituída pelo litoral atlântico, as bacias dos rios costeiros e o sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguai, incluindo o planalto central brasileiro; em vez de mudanças graduais se observa a sobreposição de culturas cerâmicas muito diferentes, trazidas por vagas

migratórias sucessivas ou episódios de “colonização”, vindas da Amazônia Central.

Para explicar o desenvolvimento das cerâmicas amazônicas, que eventualmente se espalhariam por toda a América do Sul, teorizamos dois estratos sucessivos, subdivididos em seis estágios. A primeira das vagas provenientes da Amazônia constituiria o Estrato I, com cerâmicas relativamente simples e sem decoração, as quais se espalharam por adoção, sendo copiadas de um grupo étnico para outro e modificadas segundo as necessidades de cada um. Estes grupos, que já habitavam a área periférica há muito tempo, falavam línguas do Tronco Macro-Jé ou da Família Guaikurú. A difusão das cerâmicas do Estrato I está representada arqueologicamente por intrusões de unidades de traços (Lathrap *et al.*, 1956) e suas manifestações formaram dois ramos divergentes. A Tradição Pedra do Caboclo teria se distribuído ao longo das terras altas dos planaltos central e meridional e no litoral atlântico adjacente. A Tradição Palo Blanco, cujos sítios conhecidos se acham concentrados ao longo do baixo Paraná, estuário do rio da Prata e litoral atlântico adjacente (Brochado, 1984: 90-428), teria se difundido desde a Amazônia ao longo do sistema Paraná-Paraguai.

Datas iniciais radiocarbônicas para as cerâmicas da Tradição Pedra do Caboclo, situadas ca. 3.700-3.500 a.C., na desembocadura do rio Pará, e ca. 700-1.000 a.C. no nordeste; e para a Tradição Palo Branco em ca. 3.000 a.C., no estuário do Rio da Prata, indicam que sua antiguidade deve ser muito maior na Amazônia Central, de onde ultimamente provieram.

As cerâmicas não decoradas do Estrato I teriam evoluído, na própria Amazônia, no sentido das cerâmicas complexas, com decoração policrômica, do Estrato 2, seguindo um complicado desenvolvimento, que ainda apenas podemos vislumbrar. Num Estágio 3, que pode ser estimado ca. 4.000 a.C., foi alcançada uma decoração incisa avançada, que se espalhou desde o alto Ucayali (Nazaretequi) até o baixo Orinoco (Saladero). Num Estágio 4, estimado ca. 3.000 a.C., formas como as da série Saldóide, foram levadas para leste até o baixo Orinoco e a costa da Venezuela e, mais além, para as Antilhas. Num Estágio 5, datado ca. 2.500 a.C., formas como as de Tutishcainyo — tigelas fortemente carenadas com flanges e decoração incisa hachurada, incrustada de pigmento — foram levada para oeste, até o médio Ucayali (Tutishcainyo e Shakimu) e o alto Napo (Yasuní e Pastaza) e além, para a região andina

(Kotosh-Wairajirca, Kotosh-Kotosh, Cueva de las Lechuzas e Mácas), chegando até o Pacífico, na costa do Equador (Machalilla) ca. 1.000 a.C. Estas cerâmicas teriam sido levadas, pelo menos inicialmente, por falantes do Proto-Aruák. No baixo Amazonas estas formas passam a ser decoradas com a típica pintura policrômica Amazônica.

Num Estágio 6, os flanges labiais, típicos da Tradição Tutishcainyo, evoluíram na direção daqueles típicos dos estilos Barrancas, que deram origem à Tradição Guarita. A decoração modelada e incisa foi enfatizada, e estas cerâmicas foram espalhadas para oeste e sul, até as cabeceiras do Japurá (Mangueiras), do Marañón (Upano), do Napo (Yasuní), do Ucayali (Hupa-iyá), do Mamoré (Velarde), do Beni (Chimay) e do Xingu (Diauarum). Estas cerâmicas barrancóides amazônicas teriam sido levadas pelos Aruák, falantes do Proto-Maipurê.

Numa outra evolução divergente, parcialmente contemporânea, as cerâmicas da Tradição Policrômica Amazônica foram espalhadas pelos movimentos populacionais dos Tupi, cujas invasões estão representadas arqueologicamente por intrusões de unidades de sítios (Lathrap *et al.*, 1956). Argumentamos, portanto, que a maior parte da expansão geográfica das cerâmicas policrômicas, exceto na região andina e nos *Llanos* da Venezuela e para além, deve ser correlacionada com esta expansão dos Tupi a partir da Amazônia Central. Em tempos históricos quase todas as instâncias conhecidas destas cerâmicas policrômicas eram produzidas por falantes Tupi: a da costa atlântica pelos Tupinambá (Brochado, 1980), a espalhada na bacia do Paraná-Paraguai-Uruguaí e no trecho da costa atlântica adjacente pelos Guarani, a do rio Napo e do *Trapézio de Amazonas* pelos Omágua (Lathrap, 1970, 1977) e a do Ucayli pelos Kokama (Lathrap, 1970, 1977). As exceções, como as cerâmicas dos Shipibo-Conibo, no leste do Peru, e dos Canelos Quichua, no Equador, podem ser explicadas por recente aculturação com os Kokama e Omágua.

4. O ressurgimento das pesquisas arqueológicas no Brasil, graças principalmente ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) (1965-1971), seguido de outros projetos, produziu cerca de 125 datações radiocarbônicas para sítios arqueológicos com cerâmicas relacionadas à Tradição Policrômica Amazônica, as quais permitem situar temporalmente as vagas e ramos da expansão dos Tupi.

Estas datações estão assim distribuídas:

Ao longo do curso do Amazonas e seus formadores (Brochado e Lathrap, 1980)	30
Na drenagem do Paraná-Paraguai-Uruguaí e litoral atlântico adjacente (Brochado, 1984: 409-420)	79
No litoral atlântico do nordeste e leste do Brasil e bacias dos rios costeiros (Brochado, 1984: 421-426)	16
	125

Para explicar a distribuição geográfica e as datações das cerâmicas desta Tradição, temos que modelar um imenso movimento centrífugo das populações de falantes Tupi, deixando a Amazônia Central em vagas sucessivas por cinco caminhos principais, comportando inúmeras bifurcações, os quais abraçaram não só toda a área cultural amazônica, como a maior parte da América do Sul tropical.

As cerâmicas levadas por estas migrações teriam se desenvolvido segundo duas linhas de evolução paralelas parcialmente contemporâneas.

a. Argumentamos que os primeiros movimentos de expansão dos falantes do que seria o Proto-Tupi podem ser observados pela difusão da cerâmica policrômica, correspondendo a um Estágio 5, no médio e baixo Amazonas, entre a desembocadura do Madeira e a ilha de Marajó. Uma gradual evolução, a partir das cerâmicas barrancóides, levou a formação do primeiro membro da Tradição, a que denominamos a subtradição Guarita. As espículas silicosas de esponjas fluviais (cauixi), usadas como tempero da pasta, foram substituídas por cinzas silicosas de cáscaras de árvores (caraié). O modelado e as incisões em linhas largas foram substituídos gradativamente pela pintura policrômica, inicialmente ocupando ainda o mesmo campo decorativo, constituído pela superfície plana dos largos flanges labiais, depois se espalhando pelo resto das vasilhas. No entanto, os conjuntos de formas das vasilhas típicas da Amazônia Central quase não mudaram, sendo caracterizados por grandes tigelas carenadas com bordas evertidas reforçadas e/ou flanges mediais, painéis arredondados com bordas de perfil muito variável e pratos rasos para assar beiju.

b. No que corresponde ao Estágio 6 do desenvolvimento da cerâ-

mica, a subtradição Guarita já se encontrava bem desenvolvida na ocupação mais antiga dos sítios Paredão e Guarita, em 400-500 a.C. Subindo o rio é encontrada em Itacoatiara antes do A. D. 1 e em Manacapuru, acima da desembocadura do rio Negro antes do A.D. 400-500. Ao redor do A.D. 700 a Subtradição Guarita se encontra nos sítios de Caiambé e Tefé, acima da desembocadura do Japurá-Caquetá, e em São Joaquim e Santa Luzia, próximo da desembocadura do Içá-Putumayo, acima do qual parece não ter se espalhado. A diferenciação desta subtradição cerâmica deve corresponder à formação do Proto-Tupi-Guarani, para a qual é sugerida uma datação glotocronológica ao redor de 500 a.C.

Os Estágios 5 e 6 no desenvolvimento da cerâmica, combinados com a idéia de uma pressão populacional contínua, forçando a emigração para fora da Amazônia, são cruciais para a interpretação da expansão dos Tupi. Forçados pela pressão demográfica a migrar para fora da Amazônia Central, os falantes do Proto-Tupi subiram até as cabeceiras dos seus afluentes meridionais, o Madeira, o Guaporé e o Xingu, e se acantonaram contra a escarpa dos chapadões do planalto central brasileiro. Suas línguas, isoladas, se desenvolveram de maneiras tão divergentes que hoje têm que ser classificadas em famílias diferentes da Tupi-Guarani (Tupari, Mondé, Arikém, Ramarama, Mundukurú, Juruna, Aweti, Mawé e Puruborá) (Rodrigues, 1984/5).

c. Um ramo da cerâmica da subtradição Guarita foi levado para fora da Amazônia por novas migrações, devendo ter subido para o sul pelo Madeira-Guaporé. Neste movimento perdeu técnicas decorativas como o modelado, o incisivo em linhas largas e o exciso; também desaparecem as tigelas com bordas evertidas e reforçadas, assim como os flanges labiais e mediais, onde antes se concentrava a decoração. Por outro lado, surgiram novas formas de panelas e jarras, conoidais, independentes e restringidas, com contorno infletido ou complexo, caracterizadas pelo amplo desenvolvimento do bojo e/ou pela segmentação horizontal, as quais eram corrugadas ou pintadas e foram usadas secundariamente como urnas funerárias. Estas novas formas devem ter sido adquiridas no leste da Bolívia, das cerâmicas da Tradição Pacacocha; relacionada aos complexos Pacacocha, Cashibocafio e Nueva Esperanza, do médio Ucayali; produzidas pelos ancestrais dos falantes Pano, língua não relacionada ao Tronco Tupi. A diferenciação da cerâmica deve corresponder à separação do Proto-Guarani.

Os ancestrais dos Guarani passaram depois para a drenagem do Paraguai e se espalharam pelo sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguaí, pela costa atlântica adjacente e as bacias dos rios costeiros, onde foram encontrados pelos europeus. Datas ao redor de 200 a.C. para o início desta transformação são sugeridas pelo fato de que ca. A.D. 100-200 a cerâmica da subtradição Guarani já se encontrava espalhada desde o alto Paranapanema até o médio Jacuí, conforme está atestado por diversas datações radiocarbônicas.

d. A evolução da cerâmica da subtradição Guarita; como é encontrada no sítio de Itacoatiara; na direção do que denominamos a subtradição Miracanguera, indica provavelmente a separação do Proto-Tupinambá. Este desenvolvimento se deu possivelmente no baixo Amazonas, talvez na linha de Marajó, onde a cerâmica certamente alcançou o seu maior desenvolvimento técnico e artístico, no estilo Marajoara. Se afastando cada vez mais das cerâmicas barrancóides, as vasilhas adquiriram formas cada vez mais complexas, às vezes, inclusive, com o perímetro da abertura ovalóide ou quadrangulóide, e com bordas onduladas ou ameaçadas. São características as jarras antropomórficas, com um bojo saliente e um alto pescoço cilíndrico ou conoidal, usadas como urnas funerárias. Se desenvolvem também complexas combinações de técnicas decorativas por incisão em linhas largas, incisão simples e dupla em linhas finas, excisão, retoque ou incrustação de pigmento nas linhas incisivas ou excisas, banho branco e vermelho, incisão e excisão através do banho, pintura policrômica em preto ou marrom, dois tons de vermelho e branco, além de modelado em baixo e alto relevo. Tanto o caixi como o caraipé são usados como tempero da pasta.

O início da subtradição Miracanguera pode ser situado no começo da era cristã, ou um pouco antes, conforme as datações radiocarbônicas. Influências Marajoara se espalharam também para o norte e o sul, ao longo da costa atlântica, entre o Cassiporé e o Gurupí.

e. O ramo da subtradição Miracanguera que floresceu no estilo Marajoara formou uma subdivisão, conservando quase todas as formas de vasilhas abertas; incluindo as grandes tigelas de boca ovalóide ou quadrangulóide; mas perdendo a maioria das formas fechadas, principalmente as jarras antropomórficas. A decoração também foi muito simplificada, conservando porém a pintura policrômica concentrada nas bordas evertidas e reforçadas, mas perdendo-se as técnicas de incisão, excisão e modelagem. Esta cerâmica, levada pelos ancestrais Tupinam-

X bá, desceu ao longo da costa atlântica até o Trópico de Capricórnio, o qual foi alcançado ca. A.D. 1.000, movendo-se depois para o interior, subindo o curso dos rios costeiros; áreas nas quais os Tupinambá foram encontrados espalhados pelos europeus.

Datas ao redor do A.D. 500, para o início deste movimento a partir do nordeste, são indicadas por datações radiocarbônicas.

Portanto, para entender a pré-história do leste da América do Sul extra-amazônica temos que inicialmente conceber um longo tempo, antes da chegada dos Guarani e Tubinambá, durante o qual a maior parte da área estava ocupada unicamente por falantes de línguas do Tronco Macro-Jê ou da Família Guaikurú, representados arqueologicamente pelas cerâmicas relativamente simples e geralmente não decoradas do Estrato I (Tradições Pedra do Caboclo e Palo Blanco). Esta área foi invadida primeiro pelos Guarani — vindos do interior — depois pelos Tupinambá — descendo ao longo da costa — seus movimentos conjuntos rodeando o planalto central e meridional brasileiro, num imenso movimento convergente. Do encontro entre os dois grupos, separados por quase um milênio, resultou a formação de uma fronteira ativa e hostil no sul do Brasil, em parte ao longo do Tietê, a qual subsistiu até o início do período histórico, só terminando com a destruição dos Tupinambá e a dispersão dos Guarani.

A esta altura, é muito importante indicar que estimativas para o início da Tradição Policrômica Amazônica em datas tardias, ao redor de A.D. 300-600 (Meggers e Evans, 1977, 1978) não podem ser aceitas por três motivos, já que não permitem tempo suficiente: 1) para o desenvolvimento de uma forma de arte tão complexa como a sua culminação no estilo Marajoara, 2) para o desenvolvimento das cerâmicas divergentes das subtradições Guarani e Tupinambá, antes de sua difusão fora da Amazônia; e 3) para o desenrolar das imensas migrações dos Guarani e Tupinambá, os quais já se encontravam bem espalhados pelo menos ca. A.D. 500.

f. Outro ramo divergente da subtradição Miracanguera, mantendo a complexidade decorativa e enfatizando as vasilhas com a abertura ovalóide ou quadrangulóide e bordas onduladas ou ameadas, assim como as características jarras antropomórficas, se espalhou pelo Amazonas acima, tendo que cruzar trechos ocupados por grupos que ainda produziam as cerâmicas da subtradição Guarita, e outros ocupados por falantes de línguas das famílias Aruák e Karib, que produziam cerâmicas

barrancóides ou arauquinóides. Fortes similaridades estruturais relacionam os materiais de todos os sítios onde foram encontradas urnas funerárias antropomórficas no médio e alto Amazonas, a partir da desembocadura do Madeira: Lago de Silves, Itacoatiara e Miracanguera diante da desembocadura, Nova Olinda e Borba no Baixo Madeira, Manaus no rio Negro, Beruri e Lago de Macupiri próximo de Tefé, e Piratininga acima da desembocadura do Içá-Putumayo. A subtradição Miracanguera não é encontrada no Japurá acima de Macupiri e Mapari. Ultrapassa o *Trapécio de Amazonas* ao redor do A.D. 1.000 (Zebu e Yanayacu), subindo pelos formadores do alto Amazonas até o alto Napo, o Augarico, o Coca e o Tena, já próximo da fronteira da região andina (Napo), alcançando o alto Marañón, nos rios Santiago e Huasaga-Pastaza (Anatico), e o Ucayali (Caimito).

As urnas antropomórficas são encontradas ainda no alto Madeira, até o alto Beni (Rurrenabaque) e o Guaporá-Iténez. A pintura policrômica do alto Mamoré (Velarde, Hernmark e El Eviato) e as formas das vasilhas do alto Japurá-Caqueá (Nofurei) podem ser atribuídas a influências da subtradição Miracanguera.

O início destes movimentos atribuídos à migração rio acima dos Jurimagua, Omagua (Zebu, Yanayacu e Napo), Kokama (Caimito), Kokamiya e, possivelmente, os Xibitaona (Anatico), pode ser situado ca. A.D. 1.000 por datações radiocarbônicas.

g. Outro desenvolvimento, ainda mais tardio, da subtradição Miracanguera, mais próximo ao estilo Marajoara, exerceu influências na desembocadura do Amazonas. A cerâmica atribuída, sem nenhuma prova, aos Aruã (Aruak) em Marajó, Caviana e Mexiana, apresenta vasilhas típicas Marajoara desprovidas de decoração. Influências podem ser detectadas ainda nas urnas funerárias antropomórficas dos estilos Maracá e Mazagão, do Amapá, e, mais ainda, na decoração policrômica da cerâmica do Cunani (Aristé), já próximo do Oiapoque, assim como ainda mais ao norte, na de Koriabo, no Suriname.

Se atribuem datas muito próximas à chegada dos europeus, e mesmo posteriores, para todas estas manifestações. A cerâmica de Mazagão poderia representar os Oyampí, que migraram para as Guianas no século XVIII, e a de Cunaní (Aristé), os Éerillon.

h. Quando os europeus chegaram, a colonização das terras invadidas pelos Tupi estava em plena marcha, e a invasão européia trouxe novas movimentações de povos, indicando o fim do período indígena na

maior parte da América do Sul. Os movimentos dos Tupi muitas vezes se inverteram e passaram a ter duas causas diferentes, mas muitas vezes concomitantes: 1) a ocupação das suas terras, forçando a emigração e 2) o preenchimento de áreas cujos ocupantes indígenas anteriores tinham sido destruídos atraindo a imigração.

5. A etnografia nos permite reconstruir de certo modo a vida dos Tupi, ainda que as variações dos padrões etnohistóricos só possam ser vislumbradas através da arqueologia.

Os Tupi viviam em aldeias de casas de armação de madeira, cobertas de folhas de palmeiras; ou de madeira e barro, no alto Amazonas e no sul do Brasil. Cada aldeia era formada de uma ou muitas casas, que abrigavam desde apenas algumas dezenas, até centenas e — nos ambientes propícios — mesmo milhares de habitantes. Estas aldeias eram sustentadas por uma horticultura avançada. Não se pode falar de horticultura incipiente, quando nos referimos ao sistema agrônomico dos indígenas que desenvolveram geneticamente a maior parte das plantas que alimentam, vestem e intoxicam a população mundial atual, tais como o milho, feijões, amendoim, cacau, batata-doce, abacaxi, algodão e tabaco.

As plantas alimentícias cultivadas parecem ter sido basicamente as mesmas para todos os Tupi, assim como para todas as populações neo-amazônicas: mandioca, milho, feijões, batata-doce, amendoim e pimenta; assim como estavam igualmente difundidos os modos como estes vegetais eram consumidos. Porém, cada ramo das migrações enfatizou certos cultivares, adaptados aos seus próprios sistemas agrônomicos, assim como favoreceram certos modos de consumo em detrimento de outros. Um trabalho em preparação descreve esta diversidade (Brochado e Oliver, s.d.).

Na Amazônia, eram favorecidos principalmente os cultivares mais tóxicos da mandioca, a qual era consumida predominantemente na forma do beijú e bebidas fermentadas alcoólicas; um molho de carne e pimenta era acompanhamento indispensável, mas o sal era raro.

Os Tupinambá da costa também favoreciam a mandioca “amarga”, mas preparada principalmente na forma de farinha, consumida diretamente, com peixe ou caça moqueados. As bebidas alcoólicas eram produzidas principalmente de milho ou frutas. Pimenta e sal — fácil de obter — eram muito usados e comercializados a grandes distâncias (Brochado, 1980).

Os Guarani do interior favoreciam os cultivares menos tóxicos da mandioca, mas a farinha era consumida num pirão, cozida com carne ou peixe. A bebida alcoólica era principalmente de mandioca. O sal e a pimenta estavam praticamente ausentes da alimentação (Brochado, s.d.a.).

Das formas diferentes de preparação e consumo dos alimentos, derivaram utensílios diferenciados, os quais aparecem no registro arqueológico como conjuntos de formas de vasilhas contrastantes, e permitem reconstruir os padrões alimentares já desaparecidos, pelo recurso à analogia etnográfica.

O algodão era fiado e tecido, porém o uso de tecidos para o vestuário variava, sendo maior no alto Amazonas (Omágua) e no sul (Guarani) e menor na costa (Tupinambá).

A horticultura era praticada em clareiras abertas na floresta por derrubada e queima (coivara). A alimentação dependia da caça, e mais ainda da pesca, para o suprimento de proteínas, apesar de interessantes práticas alternativas, como o cultivo de larvas em troncos podres, e a criação de tartarugas em currais, na Amazônia.

A organização social era por famílias extensas, cada uma ocupando uma casa grande comunal que abrigava dezenas e mesmo centenas de pessoas, com chefia patrilinear. Os chefes exerciam um poder muito variável sobre o grupo local. As aldeias às vezes se confederavam debaixo de um único chefe sobre grandes áreas, (ex.: a confederação dos Tamoios, no litoral, e o “reino” de Machifaro entre os Omágua do alto Napo).

Expedições guerreiras muito bem organizadas e lideradas, se deslocavam até centenas de quilômetros para atacar o inimigo. O uso efetivo de canoas permitia o deslocamento rápido de milhares de guerreiros ao longo dos cursos de água interligados e do litoral. Se acredita que do grupo vencido, os homens eram devorados nos rituais antropofágicos, e as mulheres tomadas como esposas secundárias. Segundo seu conceito de pureza racial, era Tupi todo o filho dum homem Tupi, e isto permitia o crescimento da população pela apropriação da capacidade procriativa dos vencidos. Porém, não conhecemos todas as formas de acomodação que também ocorreram entre os Tupi e as outras populações, como a escravização ou o clientelismo, conforme se conhece dos Chiriguanos.

Os europeus utilizaram extensamente a força guerreira dos Tupi

para subjugar os indígenas rebelados, inclusive eles próprios, e a conquista européia do território não teria sido possível sem o seu concurso.

Para o funcionamento do modelo geral construído para explicar os padrões arqueológicos e etnográficos demonstrados pela distribuição das populações indígenas na América do Sul tropical, é necessário postular um lento e constante aumento da população na Amazônia Central, o qual alimentava a contínua expansão, primeiro dos falantes Aruak, depois dos falantes Tupi, Karib e outros grupos (Lathrap, 1962, 1970, 1977; Brochado e Lathrap, 1980; Brochado, 1981). Isto quer dizer que a ocorrência de desequilíbrios demográficos entre estas diferentes culturas é crucial para a explicação.

O motor das migrações dos Tupi foi, portanto, a pressão demográfica causada pelo, ainda que lento, contínuo aumento da população, devido ao eficiente aproveitamento dos recursos do ambiente — no caso as extensas várzeas fluviais amazônicas. Estas várzeas, exploradas pelo sistema indígena que cultivava somente as terras ótimas, abrindo clareiras na floresta suficientemente espaçadas para permitir a renovação da vegetação clímax, eram capazes de sustentar apenas densidades relativamente baixas de habitantes, em relação à área de apropriação que necessitavam. A competição pelos recursos limitados, forçou as comunidades e se afastarem, buscando sempre, porém, o mesmo nicho ecológico — os ricos solos aluviais, fáceis de trabalhar e que produziam o máximo com o mínimo de esforço. As condições de constrangimento das várzeas e a própria disposição dos rios, tornou estes movimentos lineares, levando a que eventualmente certos ramos das migrações saíssem da área amazônica, invadindo o resto da América do Sul por diversos caminhos. Esta invasão conformou ultimamente um imenso movimento de pinças, decorrente da necessidade de seguir o curso dos rios maiores, com várzeas mais extensas, os quais, na América do Sul, tipicamente rodeiam os planaltos elevados, onde reinam condições ambientais muito diferentes. Como sua agricultura amazônica não lhes permitia explorar as terras altas cobertas de cerrados, caatingas, campos ou pinheirais, evitaram os planaltos, mas se adaptaram bem às planícies costeiras que, de certa forma, imitavam as várzeas fluviais, inclusive quanto aos recursos da pesca, apesar dos solos não serem tão férteis.

Saturados todos os nichos ótimos, começaram a ocupar outros, menos adaptados aos seus sistemas de cultivo, de maneira que estes sistemas tiveram que ser gradualmente modificados. A agronomia dos

Guarani, que se afastaram mais, climaticamente, da Amazônia Central, foi a que mais se modificou.

Ao mesmo tempo que se movimentavam, os Tupi realimentavam sua própria pressão populacional, pela expansão nas férteis várzeas dos rios maiores ou nas planícies costeiras, o que exigia a ocupação de novas áreas, até que todos os ecossistemas possíveis de serem explorados tinham sido ocupados.

Os movimentos dos Tupi não eram exatamente migrações, no sentido de que as regiões de onde saíram não ficaram vazias, pelo contrário, a população continuava crescendo até o ponto de obrigar a saída de novas vagas humanas. Podemos defini-los melhor como um “enxameamento” ou “colonização”. O sistema de adjudicação e a vida cerimonial dos grupos locais Tupi só eram efetivos para manter a coesão até um certo tamanho da população, o que facilitava a saída de famílias extensas, as quais se afastavam para formar novos grupos locais. Este padrão de divisão e espaçamento das comunidades contribuía para o “enxameamento”.

A tensão entre culturas diferentes também afetou o padrão de distribuição étnica na pré-história. Na Amazônia era a oposição entre os habitantes das florestas de várzea e os das florestas de terra firme (Lathrap, 1962, 1970). No resto da América do Sul tropical, contribuía para o mesmo efeito a oposição entre os habitantes de ambientes como os cerrados, caatingas, campos e pinheirais das terras altas e do pampa, chaco e pantanal das terras baixas, falantes de línguas do Tronco Macro-Jê e da Família Guaikurú, produtores das cerâmicas do Estrato 1, e os invasores das florestas de várzea e costeiras, falantes de línguas do Tronco Tupí e da Família Karajá, portadores das cerâmicas do Estrato 2. Nesta oposição, os Tupi, eficientes horticultores amazônicos, guerreiros e antropófagos, com unidades étnicas maiores e mais organizadas, que se expandiam e dividiam rapidamente, puderam facilmente deslocar ou eliminar as comunidades menores e menos disciplinadas dos antigos povoadores. Estes, porém, não foram somente destruídos — como parece ter ocorrido nos primeiros choques — mas também assimilados em grande escala, decorrendo processos de “guaranização” e “tupinização”, o que concorreu mais ainda para o aumento da população.

Neste contexto, a busca do *yvy maraney* — a “terra sem mal” da mitologia Tupi — se reveste de um novo significado, representando a seleção ambiental característica destes grupos à procura de novas terras

BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, S. Paulo, 27:65-82, 1989.

ainda não cultivadas. As conotações supernaturais e messiânicas seriam posteriores, quando esta busca foi impedida pela conquista européia.

BROCHADO, J. P. The expansion of the Tupi and of the Polychromic-Amazonic-Tradition ceramic. *Dédalo*, S. Paulo, 27:65-82, 1989.

ABSTRACT: This article presents a reconstruction of the so-called tupi-guarani migration, based on ethnographic, linguistic and archaeological evidences, the latter being represented by the polychromic Amazonic tradition. The proposition counts also on the helps of anthropology, through the mythology and ecology of the studied area.

UNITERMS: Brazilian archaeology and ethnohistory. Tupi-guarani.

Bibliografia

BROCHADO, José Proenza

What did the Tupinambá cook in their vessels? A contribution to ethnographic analogy. University of Illinois at Urbana-Champaign. Ms, 1980.

An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America. Ph.D. dissertation. Department of Anthropology, University of Illinois at Urbana-Champaign. Ms, 1984.

A alimentação dos Guarani proto-históricos. Ms, s.d.

BROCHADO, José Proenza e LATHRAP, Donald W.

Amazônia. Department of Anthropology, University of Illinois at Urbana-Champaign. Ms, 1980.

BROCHADO, José Proenza e OLIVER, José

Indigenous uses of manioc in South América. Ms, s. d.

EHRENREICH, Paul

Beitrag zur Volkerkunde Brasiliens. *Veröffentlichungen aus dem Königlichen Museum für Volkerkunde* 2:1-80. Berlin, 1891.

Divisão e distribuição das tribos do Brasil segundo o estado dos nossos conhecimentos. *Revista da Sociedade de Geografia*, vol. 8, bol. 1, n 33. Rio de Janeiro, 1892.

HOWARD, George D.

Prehistoric ceramic styles of Lowland South America, their distribution and history. *Yale University Publications in Anthropology*, vol. 37, pp 5-95. London, New Haven, 1947.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José e NAUE, Guilherme

Relatório das pesquisas arqueológicas na área da barragem de Garruchos, no rio Uruguai, Rio Grande do Sul. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — ELETRO—SUL. Porto Alegre, 1988.

BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, S. Paulo, 27:65-82, 1989.

LATHRAP, Donald W.

Yarinacocha: Stratigraphic excavations in the Peruvian Montaña. Ph.D dissertation Harvard University, 1962.

The Upper Amazon. *Ancient peoples and places*, vol. 70. Thames & Hudson, 1970.

Alternative models of population movement in the tropical Lowland of South America. Reprinted from *Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas*, Lima, 1970, vol. 4, pp. 13-23. Lima, 1972.

Our father the cayman, our mother the gourd: Spinden revisited or a unitary model for the emergence of agriculture in the New World. In *Origins of agriculture*, Charles A. Reed, ed., pp. 713-751. Mouton, 1977.

LATHRAP, Donald W., ed.

An archaeological classification of culture contact situations. In *Seminars in Archaeology Memoirs* 11:3-30, 1956.

LEMLE, Miriam

The Tupi-Guaranian family. In *Tupi studies, part I. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguística*, vol. 29. Dallas, Texas: SIL, 1971.

LOUKOTKA, Chestmir

Classificación de las lenguas sudamericanas. *Linguística sudamericana*, vol. I. Praga, 1935. Les langues de la famille Tupi-guarani. In *Etnografía e Língua Tupi-guarani*, 16, pp. 7-42. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, 104. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1950.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von

Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens. Vol. 1. Leipzig, 1867.

MEGGERS, Betty J. e EVANS, Clifford

Las terras bajas de Sudamerica y las Antillas. In *Estudios Arqueológicos: Ecuador, Antillas y tierras bajas de Sudamérica.* Quito: Pontificia Universidad Católica del Ecuador, 1977.

Aspectos arqueológicos de las tierras bajas de Sudamérica y las Antillas. J. Jennings, transl. *Cuadernos del Centro de Investigaciones Antropológicas*, vol. 258, n. 4. Santo Domingo: Universidad Autónoma, 1978.

Lowland South America and the Antilles. In *Ancient South Americans.* Jesse D. Jennings, ed. pp. 287-335, San Francisco: W. H. Freeman, 1983.

MÉTRAUX, Alfred

La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani. Paris, 1928.

NETTO, Ladislau

Investigações sobre archeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, 6:257-554. Rio de Janeiro, 1885.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna

Fonética histórica Tupi-Guarani. *Arquivos do Museu Paranaense* 4:333-345. Curitiba, 1945. Classification of Tupi-Guarani. *Internacional Journal of American Linguistics*, 24:231-234, 1958.

A classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia* 12 (1-2): 99-101. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1964.

Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, vol. 27/28:33-53. São Paulo; Universidade de São Paulo, 1984/5.

STEINEN, Karl von den

Durch Central-Brasilien. Leipzig, 1886.

Recebido para publicação em maio de 1989.